

6. Considerações Finais

“... computers will not replace teachers, teachers who use computers will eventually replace teachers who don’t.”

– RAY CLIFFORD

(“The Status of Computer Assisted Language Instruction”, 1987:13)

Embora seja difícil encontrar uma definição que dê conta do conceito de objeto de aprendizagem, é bem menos complicado encontrar uma hegemonia no que diz respeito ao uso que devemos fazer dos mesmos. Grosso modo, a idéia é decompor os materiais instrucionais em unidades independentes que passam a ser chamadas de OsA e, assim, reutilizá-los em diferentes contextos.

De maneira geral, no que diz respeito ao ensino de línguas, o que se vê é uma enorme escassez na quantidade de objetos de aprendizagem que possam ser utilizados em aulas de idiomas. Enquanto o número de materiais desse tipo não pára de crescer na área das ciências exatas, por exemplo, parece não aumentar a população de profissionais dedicada ao desenvolvimento de recursos digitais para contextos que envolvam o ensino de línguas. O último concurso organizado pelo RIVED e promovido em 2007 não contou com nenhum objeto de aprendizagem na área de Letras.

Embora a tecnologia esteja invadindo as escolas, parece ainda haver um despreparo por parte dos professores na criação de conteúdo digital. O conceito de objetos de aprendizagem pode ser de grande utilidade na comunidade docente,

mas é necessário treinamento e boa-vontade para que sua filosofia possa ser compreendida e posta em prática de maneira eficiente. O panorama brasileiro atual é o de que, sem a ajuda de informatas ou ferramentas de autoria e sem o conhecimento técnico adequado, o que professores de línguas normalmente conseguem produzir não vai muito além da mera reprodução digital dos livros didáticos impressos.

No caso específico dos professores de línguas, a pouca intimidade com os recursos tecnológicos e seus usos aparece como forte impeditivo para que a produção de OsA se dê de forma padronizada e contínua. Também o desconhecimento do conceito de que aqui tratamos contribui para que os recursos que já foram criados por iniciativas isoladas ou conjuntas acabem sendo utilizados por apenas um pequeno grupo.

É preciso falar de tecnologia e de preparação de conteúdo digital. Precisamos acelerar nossos passos para não perdermos de vista os profissionais das outras áreas de conhecimento que já estão trabalhando na produção de OsA. Como a mudança não é rápida, é preciso que se inicie já o processo de conscientização sobre a importância do preparo dos professores para além das disciplinas específicas da área de línguas. A sociedade atual nos exige um novo tipo de fluência: a tecnológica.

Outro aspecto que carece de reflexão é o fato de que, ainda que compulsória e inconscientemente, as estratégias adotadas por um professor ao longo de sua prática são motivadas por suas crenças em métodos e teorias de ensino/aprendizagem que julgam adequados. O que esta pesquisa nos revela é que as práticas brasileiras parecem ainda enraizadas à perspectiva behaviorista e sua visão de que somos todos condicionados às práticas adequadas por meio do

reforço de estímulos. Há muito se diz que o aluno, e não o conteúdo, deve ser o centro das atenções, mas a prática se revelou bastante distante da teoria nos objetos que aqui apresentamos.

Ainda que tenham escolhidos ferramentas e caminhos distintos, o que se vê nas propostas de atividade selecionadas para este estudo de caso é a visão de que o ensino se dá por meio da simples transmissão de conhecimentos seguida por memorização. Pensa-se no conteúdo, na sequência de tópicos, nas mídias e nos recursos multimídia, mas não há espaço para reflexão sobre os objetivos a serem alcançados pelo que se produz e sobre a utilidade para o aprendiz de aprender o que a ele é proposto.

Este estudo não ratificou a possibilidade de criação de conteúdos educacionais teoricamente neutros. Há diversos vestígios de crenças teóricas, em especial daquelas relacionadas à perspectiva behaviorista, conforme já comentamos. A possibilidade de reuso incondicional, portanto, não se faz viável. É necessária a recuperação e posterior seleção dos objetos não somente com base no tópico de estudo apresentado ou na habilidade trabalhada, mas também na perspectiva teórica adotada ao longo da criação da atividade.

Ressaltamos, entretanto, que embora façamos todas as considerações aqui lidas, esta dissertação não esgota o tema da produção de objetos de aprendizagem por professores de línguas, tampouco abarca todos os aspectos relativos à hipótese da neutralidade teórica. Futuras pesquisas relacionadas a esses pontos são necessárias, mas, antes de mais nada, é preciso que se encoraje a produção de OsA que sirvam de matéria-prima para tal.